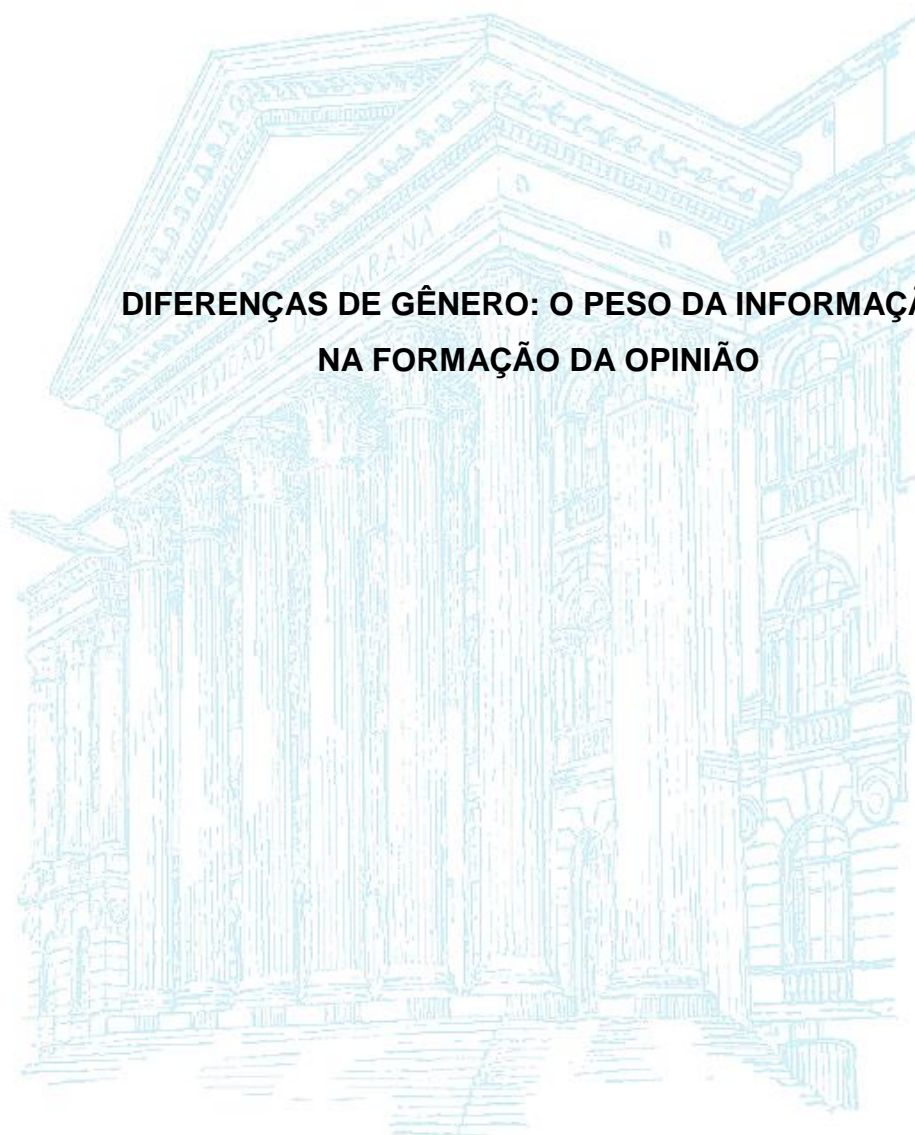


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CRISTIANE BAUMEL

**DIFERENÇAS DE GÊNERO: O PESO DA INFORMAÇÃO  
NA FORMAÇÃO DA OPINIÃO**



LAPA

2016

CRISTIANE BAUMEL

**DIFERENÇAS DE GÊNERO: O PESO DA INFORMAÇÃO  
NA FORMAÇÃO DA OPINIÃO**

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Karla Ingrid Pinto Cuellar

LAPA

2016

# DIFERENÇAS DE GÊNERO: O PESO DA INFORMAÇÃO NA FORMAÇÃO DA OPINIÃO

Cristiane Baumel<sup>1</sup>; Karla Ingrid Pinto Cuellar<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Licenciatura Plena em Matemática, especialista em Educação Especial e especialista em Ciências Matemática. SEED/PR e SMED - ARAUCÁRIA-PR; E-mail: crisbaumel@ig.com.br

<sup>2</sup> Bacharel em Direito; Especialista em Direito Processual Civil; Doutora em Direito Público; Mestre em Direitos Fundamentais. UFPR-Setor Litoral. E-mail: karlacuellaradv@hotmail.com

**Resumo:** O presente artigo procurou entender quais os norteadores do pensamento sobre as diferenças de gênero que ainda vigora nas escolas de campo, onde a comunidade perpetua as normatizações do que é adequado para homens e mulheres. Através da pesquisa de caráter qualitativo, foram utilizados questionários estruturados, representações gráficas, vídeos, observação participante, assim como o diálogo argumentativo. A intenção foi demonstrar que a informação constante disponibilizada aos alunos acerca do tema, contribui para a mudança de paradigmas que teoricamente já estavam definidos no cotidiano da comunidade como normas que não deveriam ser contrariadas. O resultado evidenciou-se através da percepção da possibilidade de mudança nas opiniões durante o desenvolvimento do artigo. Existindo assim o reconhecimento por parte dos próprios estudantes da necessidade de equidade de gênero.

**Palavras-chave:** gênero; normas; diferenças.

**Abstract:** This scientific article aims to understand what the guiding thinking about gender differences that still exists in the field schools, where the community perpetuates the norms of what is appropriate for men and women. Through qualitative research, structured questionnaires were used, graphics, videos, participant observation, as well as the argumentative dialogue. The intention was to demonstrate that the information made available to students on the subject, contributing to the paradigm shift that theoretically were already defined the community as everyday standards should not be thwarted. The result was evident through the perception of the possibility of change in opinions during the development of the article. So there recognition by the students themselves of the need for gender equity.

**Keywords:** gender; norms; differences.

## INTRODUÇÃO

Os conceitos de sexo biológico e gênero são usados, frequentemente pela sociedade, como sinônimos, pois o contexto admitido é aquele que atinge a maioria da população, se é masculino é homem (forte, agressivo, inteligente), se é feminino é mulher (sensível, frágil, emotiva, dependente). No entanto, existem dois sexos biológicos, um é determinado mulher e o outro homem, bem como existem dois

gêneros, um é denominado feminino e o outro masculino. Para Scott (1995), gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e também um modo primordial de dar significado às relações de poder.

Bruschini (1998) afirma também que esta definição social dos papéis masculinos e femininos no âmbito da família têm consequências diferenciais sobre um e outro sexo, em sua participação no mercado de trabalho. Sendo assim, a concepção de gênero está relacionada a processos de construção social que acontecem ao longo de nossas vidas baseados em um conjunto de atitudes, posturas e modos de agir. As diferenças de valores que geram desigualdades, conforme Foucault (1979) que atribui à mulher qualidades negativas que a impossibilitam de participar de forma igualitária na sociedade, assim como a transmissão de padrões, de geração para geração, influenciam a construção de um estereótipo de gênero.

As recordações da infância se fazem presentes durante toda a nossa vida e costumeiramente nas “rodas” de amigos se ouvem relatos de situações ocorridas que marcaram o tempo de criança. As brincadeiras, as modas da época, a escola, a família, são algumas das lembranças relatadas que contribuíram para construir nosso modo de pensar e agir. Crescemos em uma sociedade que diferenciava e comparava homens e mulheres, ditava normas de conduta a serem seguidas para cada sexo biológico, utilizava a mídia para estimular padrões de conduta aceitos como “corretos”, enfim reforçava preconceitos e estereótipos. “Mulher nasceu para pilotar fogão”, “Rosa é cor de menina”, “Homem não chora”, são alguns estereótipos de gênero que continuam a ser reproduzidos, inclusive no ambiente da escola. Segundo Brougère (2004), os estereótipos provêm dos pais e das pessoas que cercam a criança, pois constroem o primeiro ambiente de brinquedos da criança, antes que ela comece a fazer suas escolhas.

As desigualdades de gênero na escola é um dos desafios que diariamente são impostos, discutidos, comparados, diferenciados e, muito pouco, “modificados”, pois os problemas persistem. Conforme afirma Louro (1997), “... as práticas rotineiras e comuns, os gestos, as palavras banalizadas precisam ser alvo das atenções e da desconfiança, ou seja, daquilo que é tomado como natural”. O aluno é um sujeito em construção, mas já provido de uma história social e cultural, com tradições, modos e

normas pré-definidas, então age como se soubesse o que é “normal” para o homem e para a mulher. Melhem (2010) reafirma esta ideia quando diz:

Os valores transmitidos de geração em geração pontuam que à menina cabe aprender com a mãe os trabalhos de casa, enquanto ao menino cabe conhecer o automóvel da família e logo o dirigir; cabe ingerir bebida alcoólica com o pai (que talvez até tenha orgulho do primeiro porre de seu filho); cabe com o pai e outros homens, apreciar as mulheres que passam, classificando-as das maneiras mais vulgares e sentindo-se à vontade para dirigir-lhes tais opiniões. Em muitas famílias, a educação sexual destinada à filha limita-se às explicações sobre ciclo menstrual e a importância de ser uma “moça direita” e ao filho é indicada a utilização de preservativos, estando oportunizado o “aproveitar a vida”, desde que não engravide ninguém (MELHEM, 2010, p.2).

Saffioti (1987, citado por Chies ET al., 2010) ressalta ao analisar o papel da mulher e do homem na sociedade, relações de subordinação e dominação. Essas relações são estruturadas em uma imagem hierarquizada que procura direcionar o que cada um deve fazer baseado nas atribuições do que é designado aos homens e as mulheres.

O reordenamento no convívio familiar e no mercado de trabalho segundo Harvey (1992) está em evolução. Valores tradicionais passam a ser reformulados, mas não significou que as mulheres perderam a responsabilidade pelas atividades reprodutivas e cuidados com a casa.

A escola pode ajudar a reduzir as desigualdades entre homens e mulheres, à medida que promova a conscientização sobre a importância de desconstruir as diferenças entre gêneros, desmistificar os estereótipos e promover relações mais igualitárias.

## **OBJETIVOS**

Desenvolver nos alunos envolvidos a capacidade de análise das regras de normatização, demonstrando que existe a possibilidade de equidade de Gênero.

Dentro desse contexto, elencados como objetivos específicos estão: identificar as principais normas, padrões e tradições valorizadas pela comunidade em que a escola está inserida no que se refere às distinções entre meninos e meninas; refletir sobre as mudanças ocorridas, ao longo do tempo, na busca da valorização da mulher; exemplificar profissões tradicionais de homens e mulheres e, diante disso, pesquisar a realidade atual; pesquisar as formas de preconceitos sofridas pelas mulheres no mercado de trabalho; ser capaz de perceber a necessidade da igual valorização do

feminino e do masculino em nossa sociedade; encontrar alternativas de sensibilização dos educandos com relação às mudanças de opiniões acerca do tema; demonstrar que é possível escolher sem necessariamente seguir padrões impostos pela comunidade escolar.

## **METODOLOGIA**

É necessário reduzir os problemas que surgem no interior da escola para garantir o direito de todos a uma educação de qualidade e formar integralmente os cidadãos, no entanto os professores precisam rever constantemente suas práticas pedagógicas, buscando proporcionar estratégias diferenciadas de aprendizagem, para que o aluno compreenda as desigualdades de gênero estabelecidas pela sociedade, promovendo relações de igualdade e respeito.

A pesquisa buscou enfatizar que existem regras de normatização que diferenciam homens de mulheres e são reproduzidas, pelas famílias, ao longo das gerações dando continuidade ao processo de desvalorização da mulher, sendo assim teve caráter qualitativo para, como menciona Gomes (2005, p.179) “extrair das atitudes e respostas dos participantes do grupo, sentimentos, opiniões e reações que resultariam em um novo conhecimento”.

A realização de uma intervenção é amparada em Moreira (2008, p. 2) que cita que este tipo de trabalho deve ser realizado dentro do contexto pesquisado, o pesquisador deve atuar como mediador, articular saberes e atividades propostas, e que haja interação entre ele e os sujeitos da pesquisa.

Este projeto foi desenvolvido no Colégio Estadual do Campo Doutor Adhelmar Sicuro que oferece Ensino Fundamental e Médio, localizado na área rural de Catanduvas do Sul, na cidade de Contenda/PR. Atualmente a escola possui 360 alunos matriculados e distribuídos em sete salas de aula, nos períodos matutino e vespertino. A clientela que a escola atende em sua maioria são filhos de agricultores, que utilizam o transporte escolar e precisam se deslocar todos os dias muitos quilômetros até seu destino.

O projeto de intervenção foi desenvolvido com 40 alunos do 7º ano do Ensino Fundamental do período vespertino, com idade entre 11 e 15 anos, escolhidos por serem participativos, críticos e demonstrarem seguir normas rígidas para diferenciar e comparar gêneros, seja na escola, trabalho, lazer ou na política.

Descreve-se a sequência de intervenção:

1º Momento: Produção de um desenho que representa a figura feminina para os homens e a figura masculina para as mulheres.

2º Momento: Aplicação de questionário de pesquisa (ANEXO 1).

3º Momento: Aula expositiva sobre conceito de identidade de gênero e orientação sexual, para a construção de debate sobre as desigualdades entre homens e mulheres.

4º Momento: Pesquisa de imagens e frases que trazem formas de preconceitos sofridas pelas mulheres.

5º Momento: Exposição do filme “Billy Elliot”, que conta a história de um garoto de 11 anos vivenciando um dilema ao decidir deixar o boxe para ser bailarino. Após assistir o filme houve uma discussão e relatos de experiências.

6º Momento: Pesquisa de imagens que evidenciam a superação da mulher e reformulação de frases preconceituosas.

7º Momento: Confecção de cartazes.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O presente trabalho justificou-se pela necessidade de orientação sobre as desigualdades de gênero estabelecidas pela sociedade e conscientização para promover relações de igualdade e respeito, bem como iniciar dentro da Escola do Campo a busca por desconstruir normas que desestimulam os/as estudantes a prosseguir os estudos além do Ensino Médio, pois meninos são estimulados a seguir o trabalho da família na agricultura e as meninas são educadas para casar.

Para iniciar o desenvolvimento deste projeto de intervenção pedi que cada aluno produzisse um desenho representando, em sua visão, a principal imagem que traduz a figura feminina desenhada pelos meninos e a imagem masculina desenhada pelas meninas. Enfatizei que não se deveriam pensar no que acontece dentro de sua casa, mas sim o seu pensamento sobre o assunto. Obtive 23 desenhos da figura masculina e 16 retratando a figura feminina.

Dos desenhos apresentados pelos meninos acerca da figura feminina foram identificados em 31% a visão de cuidar dos filhos, 37,5% por cuidar dos afazeres domésticos, 25% estavam retratando a vaidade, 6,25% sendo chefe de família e outros não foram relevantes ao tema. As meninas construíram imagens retratando a

figura masculina de acordo com suas concepções e os resultados foram 52,2% o trabalho do homem do campo, 17,4% o chefe de família, 8,7% o telespectador de jogo de futebol, 8,7% a descontração com os amigos e ou outros fugiram do tema.

Assim, se percebeu a reprodução de padrões de geração em geração que continuam determinando o papel que cada gênero deve seguir na sociedade.

No segundo momento foi aplicado o questionário que investigou a opinião dos alunos sobre as atividades, atitudes e profissões acerca do papel do homem e da mulher em diferentes aspectos do cotidiano. Até esse momento não houve nenhuma discussão, nem mesmo direcionamentos sobre o assunto e durante a aplicação do questionário muitos alunos quiseram fazer comentários, mas para não haver interferências, orientei que cada um respondesse sua opinião as questões abordadas.

No primeiro quadro de questionamentos se verificou que tanto os meninos quanto as meninas consideram que brincar com boneca e de casinha se referem ao sexo feminino, bem como o carrinho e a “lutinha” ainda são brincadeiras específicas do sexo masculino. No entanto, a bola e o videogame que durante muitos anos eram tradicionalmente brincadeiras de menino, foram em sua maioria aceitas para ambos os sexos.

Já existem reportagens lançadas na internet, como da cientista Athene Donald, que diz que as meninas deveriam brincar menos com bonecas, que estimulam a passividade, e mais com brinquedos típicos de meninos que são favoráveis ao desenvolvimento da criatividade. Para a especialista criamos comportamentos sociais ao estereotipar o tipo de brinquedo com os quais os meninos e as meninas brincam quando pequenos. Muitas empresas já estão procurando lançar catálogos mostrando meninos e meninas, ambos brincando com os produtos oferecidos, seja um fogãozinho, uma caixa de ferramentas, uma pista de carros, uma tábua de passar roupas, entre outras.

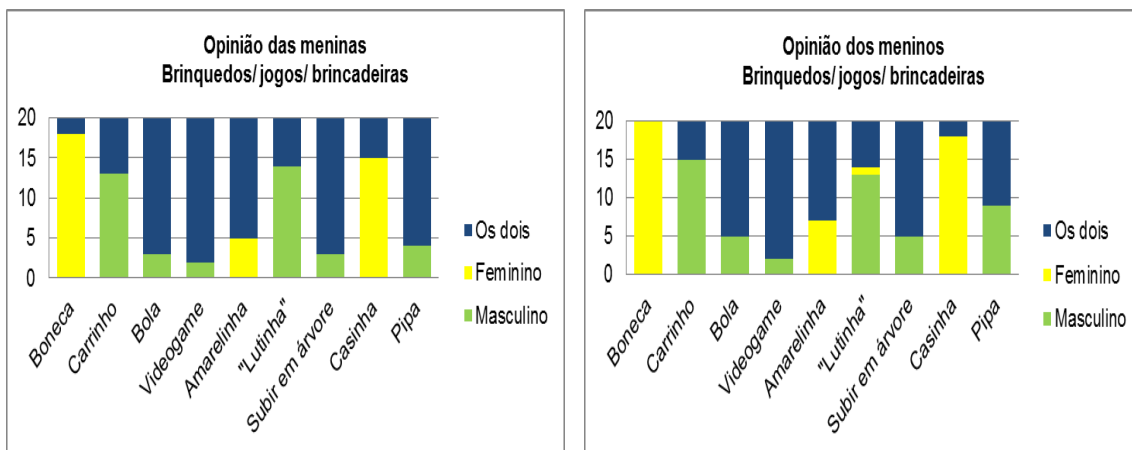


Figura 1 – Opinião dos/das meninos/meninas em relação a brinquedos/jogos/brincadeiras. Fonte: autora (2015).

Em relação às atividades domésticas, existiu uma clara reprodução de costumes que demonstram o papel que deve ser seguido por cada gênero. A mulher ainda foi a grande responsável pelos cuidados da casa, enquanto o homem desenvolve as funções externas e pequenos reparos. Na análise dos gráficos se constatou que as respostas obtidas pelos meninos e pelas meninas não apresentam variação considerável, evidenciando que acreditam ter essa responsabilidade.

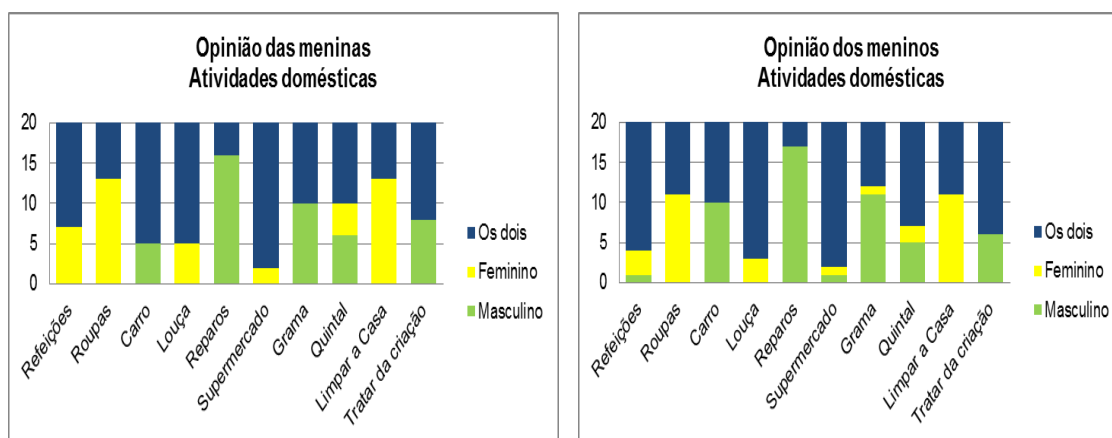


Figura 2 – Opinião dos/das meninos/meninas em relação às atividades domésticas. Fonte: autoras (2015).

Quando questionados sobre as atividades desenvolvidas diariamente se observou uma maior participação do homem no cuidado com os filhos, fator esse que pode estar relacionado com muitas mães estarem desenvolvendo trabalhos fora do lar. Outra análise que pode ser considerada é relacionada a se reunir com amigas/os, pois há algum tempo atrás este direito era apenas do homem e a mulher, por sua vez, deveria estar em casa cuidando dos filhos.

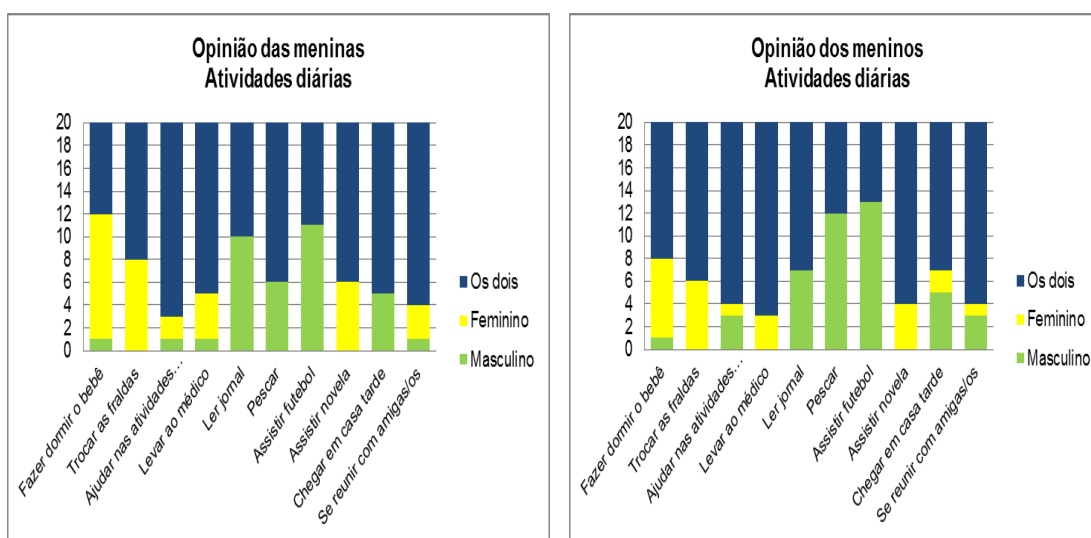


Figura 3 – Opinião dos/das meninos/meninas em relação às atividades diárias.  
Fonte: autoras (2015).

No quadro que procurou investigar comportamentos e atitudes, as opiniões sobre embriaguez, agressividade e falar palavrões são atribuídas ao homem e, as outras indagações feitas sugerem atribuição aos dois gêneros. Considerando a faixa etária dos alunos que ainda são adolescentes, quando questionados em relação a chorar, ser vaidoso e olhar no espelho se compreendeu uma opinião otimista, pois características como estas eram evidenciadas a mulher e causavam deboches aos homens que fossem observados nesta situação. Trabalhando em uma escola do Campo fatores como bom desempenho escolar e disciplina foram atribuídos aos dois gêneros, pois realmente neste sentido os pais cobram igualmente dos filhos.

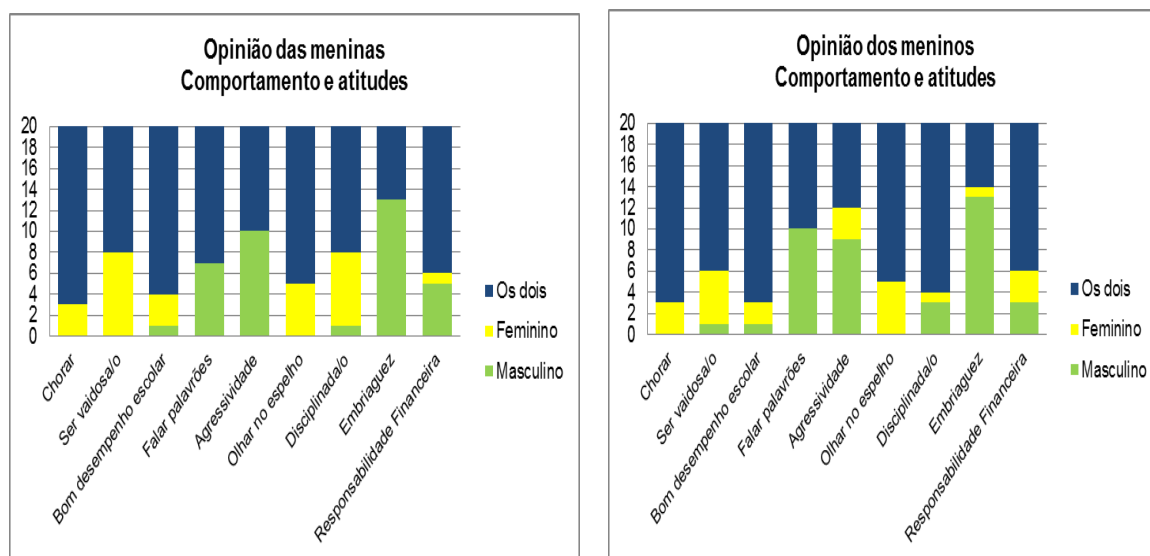


Figura 4 – Opinião dos/das meninos/meninas em relação a comportamentos e atitudes.  
Fonte: autoras (2015).

Para finalizar a investigação das diferenças entre os gêneros, se procurou verificar a opinião dos alunos em relação às profissões desenvolvidas por homens e mulheres. Pedreiro/a e mecânica/o foram indicadas como trabalhos para homem desenvolverem no mercado de trabalho, assim como empregada doméstica/o é atribuída à mulher. A maioria das profissões pesquisadas no questionário já produz uma aceitação melhor para ambos os sexos, mas os estereótipos atribuídos para as mulheres ainda refletem que alguns alunos a veem como frágil e sensível ao opinar que policial, bombeira/o, agricultora/o, são atividades que devem ser desenvolvidas pelo homem, bem como, apesar de ser a minoria, acreditam na capacidade superior do homem quando citam o homem nas profissões de prefeita/o, juiz/a e engenheira/o.

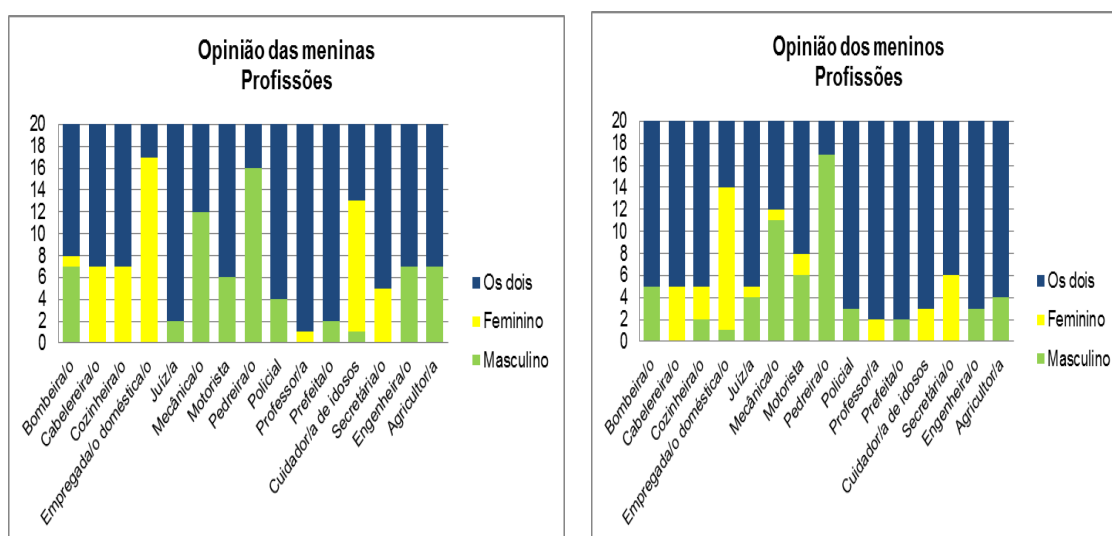


Figura 5 – Opinião dos/das meninos/meninas em relação a profissões.  
 Fonte: autora (2015).

O próximo passo foi a realização de uma aula expositiva que procurou conceituar identidade de gênero, sexo biológico e orientação sexual, bem como os significados de estereótipos, preconceitos e discriminação, buscando um melhor entendimento do aluno sobre o assunto. Nesta aula houve também a exposição dos gráficos relacionados ao questionário respondido pelos alunos e discussão dos resultados obtidos, durante a aula existiu a participação dos alunos e algumas dúvidas foram respondidas, outras que se referiam a homossexualidade foram respondidas superficialmente, pois existe uma resistência grande dos pais e já existiram ocasiões em que a escola foi responsabilizada por abordar este tema.

Durante a aula realizei alguns questionamentos sobre a opinião retratada no questionário, no quadro das profissões procurei saber: O que difere a mulher do homem em uma profissão? Quando concluir o Ensino Médio seguirá com seus estudos? Seus pais aceitariam qualquer profissão escolhida por você? Homem deve receber melhor salário para desempenhar a mesma função que a mulher? Os meninos aceitariam que sua esposa tivesse um salário maior que o seu?

As respostas obtidas exprimem os estereótipos construídos pela sociedade, pois embora tivessem poucos argumentos o que mais diziam era “Porque é o certo professora”, “ O meu pai quem falou”, “ Lá em casa é assim” ou “ Eu vi na televisão”.

Passando o momento de investigação a próxima etapa foi a busca por produzir reflexões sobre as diferenças entre os gêneros. Fomos ao laboratório de informática procurar imagens e frases que traziam formas de preconceitos sofridos por mulheres, ou estereótipos de homens e mulheres. Em dupla, os alunos realizaram a pesquisa em duas aulas, mas muitos demonstraram interesse pelo assunto e continuaram a atividade em casa. O material obtido foi usado na construção dos cartazes na atividade final.

No momento seguinte houve a exibição do filme “Billy Elliot” que narra a história de um menino de onze anos que é órfão de mãe e incentivado pelo pai, pratica aulas de boxe. O ginásio em que faz os treinos recebe uma turma de bailarinas e Billy se encanta pela dança. A partir daí começa a enfrentar dilemas e enfrentar preconceitos para se tornar um bailarino de sucesso.

A atividade procurou despertar dúvidas sobre as considerações que os alunos acham que são “normais”, pois para a maioria deles, boxe é esporte para homens e balé é uma “dança” para as mulheres. Neste sentido, a reflexão de que Billy querer praticar balé, não interfere em sua orientação sexual, nem ao contrário sua permanência nas aulas de boxe seria garantia de sua masculinidade, esclarece que mesmo com restrições de gênero se deve batalhar por sua realização pessoal.

Após assistir ao filme, os alunos foram instigados a realizar comentários e após a discussão escreveram um relato das ideias proporcionadas pelo filme. Algumas falas que revelam o modo de pensar:

“Hoje em dia o preconceito está um pouco mais compreendido porque ao passar dos anos as pessoas vão vendo e entendendo que cada um pode fazer suas escolhas na vida. ”

“A melhor parte do filme foi a emoção do pai na apresentação de Billy, no lago dos Cisnes, ele entendeu o que é realizar um sonho. ”

“A sociedade julga as pessoas só pelo que faz e pelo jeito que se comporta. ”

“Quem disse que homem e mulher não podem fazer a mesma coisa? ”

“Mas, ainda as mulheres estão sendo pouco valorizadas pelo que fazem, existem muitos homens machistas. ”

“Os homens também são vítimas de preconceito, pois eles não podem fazer balé, pintar as unhas e se arrumar. ”

“Devemos saber que todos somos iguais, fazendo coisas diferentes que nos dão prazer. ”

“Todos somos iguais e devemos ter os mesmos direitos. ”

“Já existem mulheres que trabalham em profissões que antes só os homens podiam trabalhar, por eles se acharem mais fortes que as mulheres, por elas serem frágeis. ”

“Há muitas pessoas que acham que só porque um homem se cuida ele não é igual aos outros. ”

No momento seguinte, retornamos ao laboratório de informática com o propósito de pesquisar as mudanças que já aparecem na sociedade e que evidenciam a superação da mulher, bem como a do homem em situações que antes não eram aceitas como “normais” na sociedade. Novamente em dupla, neste momento pedi para sentar um menino com uma menina para existir trocas de informações e discussão do que fosse encontrado na internet, a atividade proposta levantou muitas polêmicas e curiosidades. Durante todo o tempo fui requisitada pelos alunos para mostrar matérias ou imagens que achavam interessantes. Algumas equipes direcionaram seu trabalho para as profissões e as pesquisas levantaram dados, até mesmo das diferenças salariais. Outras equipes procuram materiais que envolviam o filme assistido “Billy Elliot”. Houve duplas que estavam procurando postagens das redes sociais sobre o tema. Assim como, outras equipes direcionaram sua pesquisa as diferenças de gênero que estão reduzindo. Planejei a atividade para duas aulas, mas os alunos demonstraram tanto interesse que precisei estender para quatro aulas.

Por fim, houve a construção dos cartazes. Instruí os alunos a dar um título e brevemente descrever um objetivo para sua produção.

Meninos gostam de azul. Meninas gostam de rosa. Ou não?

Objetivo: “Avaliar as mudanças relacionadas à cor que possibilitam o uso delas para homens e mulheres. ”



Figura 6 – Exposição do cartaz confeccionado pelos alunos (as) a partir da intervenção.  
Fonte: autoras (2015).

A confecção deste cartaz produziu reflexões interessantes, pois os alunos começaram a emitir suas opiniões e se percebeu que dentre todos, apenas dois meninos não aprovavam o fato de homem usar a cor rosa. Entre as meninas a maioria disse preferir o azul à rosa.

### **Mural das profissões**

Objetivo: “Reconhecer que homens e mulheres podem desenvolver uma profissão, pois ambos possuem as mesmas capacidades.”



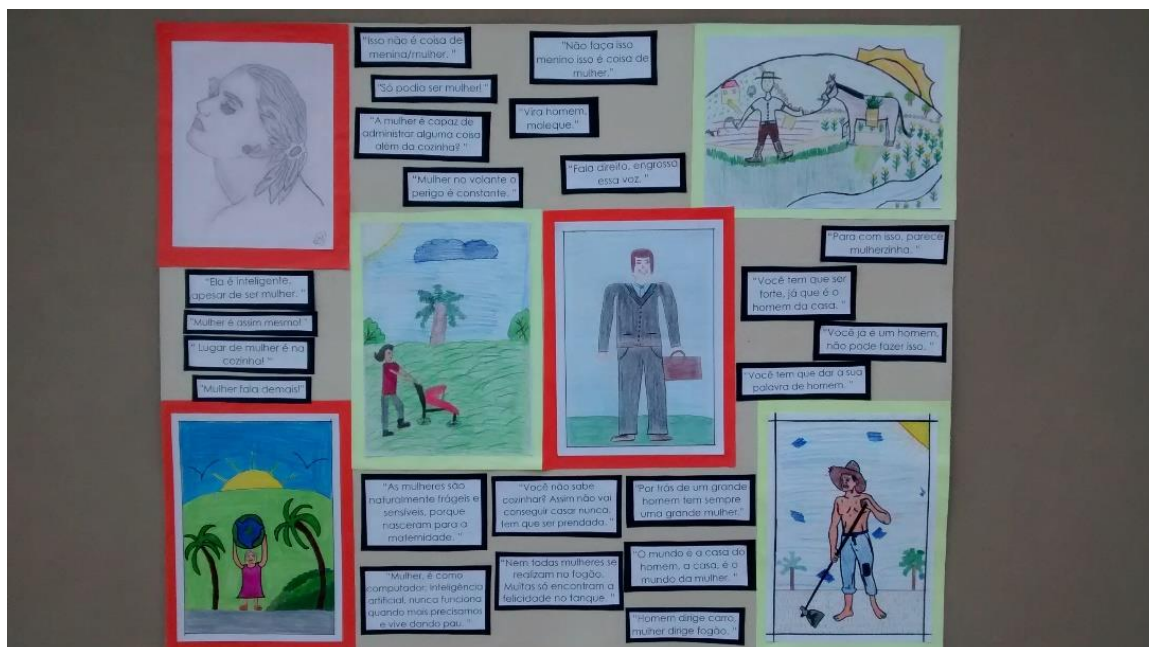


Figura 8 – Exposição do cartaz confeccionado pelos alunos (as) a partir da intervenção. Fonte: autoras (2015).

No momento da pesquisa para a realização do desenvolvimento desta parte da metodologia que propus pesquisar imagens e frases que traziam formas de preconceito sofridas pelas mulheres, fui surpreendida com reivindicações dos meninos quanto as frases que são ditas que, também, demonstram que existem muito preconceito sofridos por homens. Sendo assim, os alunos se identificaram com muitas frases usadas por seus pais ou avós e expressaram seus sentimentos em relação ao assunto.

Vivendo numa sociedade mais justa

Objetivo: “ Ser capaz de reconhecer a necessidade do respeito e rever seu modo de pensar. “

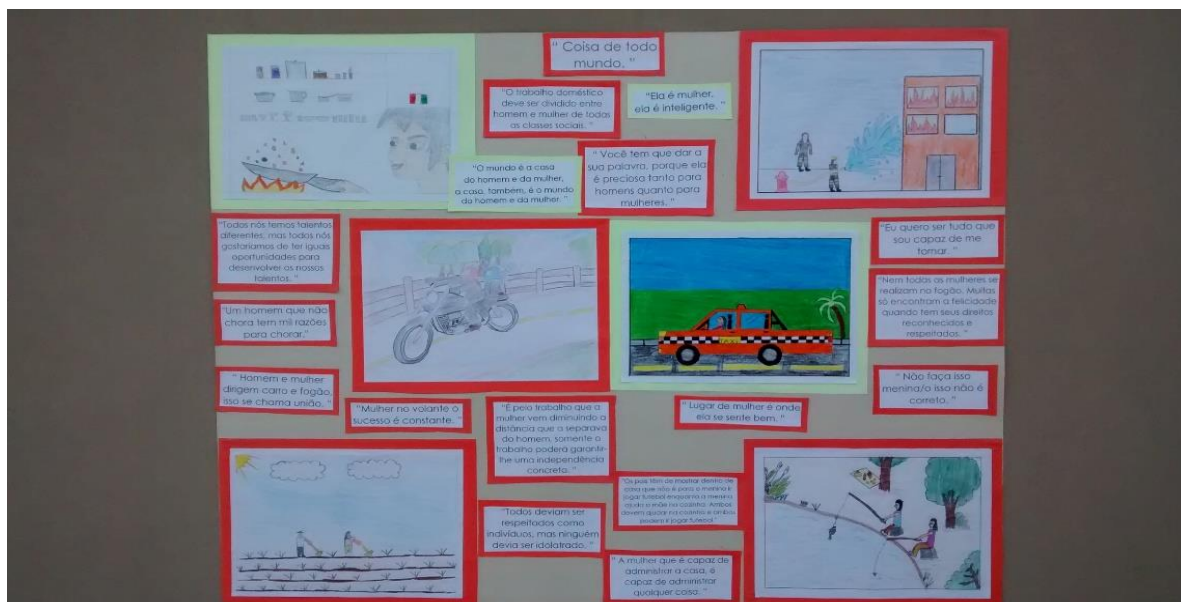


Figura 9 – Exposição do cartaz confeccionado pelos alunos (as) a partir da intervenção.  
 Fonte: autoras (2015).

Para finalizar, os alunos reescreveram frases, algumas foram retiradas da internet e outras reescritas por eles, e construíram desenhos onde procuraram mostrar que acreditam que homens e mulheres devem ser tratados igualmente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo educador precisa ter o olhar diferenciado. Desafios sempre serão encontrados, a diferença será a realidade em que eles se encontram.

As escolas do campo, em sua maioria, possuem como desafio cotidiano provocar a reflexão de seus estudantes e, conseqüentemente, de toda a comunidade escolar para assuntos que, muitas vezes vão de encontro com a cultura local, dificultando assim, a eliminação de alguns estigmas.

É possível verificar, através da investigação de campo, que ocorreu com a aplicação da pesquisa e nas demais atividades produzidas, que a cultura local da comunidade em que se encontra o Colégio Estadual do Campo Doutor Adhemar Sicuro influencia na conduta dos jovens, levando-os a seguir os exemplos que encontram e repassando, futuramente, esses valores aos seus filhos.

Em contrapartida, constatou-se que através da exposição às informações acerca da possibilidade de equidade de gênero, principalmente em relação às profissões, que os estudantes começam a demonstrar interesse pelo assunto, formam

novas opiniões e conseguem, até mesmo, visualizar seu futuro diferente dos padrões impostos pela sua cultura.

Com o desenvolvimento deste trabalho de intervenção pedagógica se constatou que a falta de conhecimento e a precariedade nas informações leva muitos estudantes a seguirem padrões e costumes impostos pela sua família, mas a partir do momento que são expostos a uma nova realidade passam a repensar suas opiniões, o que direciona a diálogos argumentativos e formações de opiniões baseadas em conhecimento de causa.

Sendo assim, existem algumas estratégias que repercutiriam em progresso na escola, como a modificação no Projeto Político Pedagógico para incluir atividades que reforcem a equidade de Gênero, despertando a curiosidade acerca do tema e levando à reflexão, bem como a promoção de projetos que envolvam toda a comunidade escolar buscando sensibilizar e conscientizar sobre as reais situações de diferenciações e comparações entre homem e mulher, e conseqüentemente mostrar que independente do gênero, todos devem ter direitos e deveres.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1995.

BRUSCHINI, C - **Gênero e Trabalho Feminino no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação?** Brasil, 1985 a 1995- Paper apresentado no Seminário Trabalho e Gênero: Mudanças, permanências e desafios. GT População e Gênero Nepo/Unicamp, São Paulo, 1998.

CHIÉS, Paula Viviane. **Identidade de gênero e identidade profissional no campo de trabalho**. Revista Estudos feministas, Florianópolis, SC, v.18, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GOMES, A. A. **Apontamentos sobre a pesquisa em educação: usos e possibilidades do grupo focal**. Ecos – Revista Científica. São Paulo, 2005.

HARVEY, D. - **Condição Pós-Moderna**. Edições Loyola, São Paulo, 1992.

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MELHEM, Patrícia Manente. **A coisificação da Mulher e o reforço da negação da vitimização: retorno à “lógica da honestidade”?**. Mestre em Direito do Estado pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/cienciascriminais/IV/43.pdf>> Acesso em 21/09/2015.

MOREIRA, M. I. C. Pesquisa-Intervenção: especificidades e aspectos da interação entre pesquisadores e sujeitos da pesquisa. In: CASTRO L. R. e BESSET, V. L. (Orgs) **Pesquisa –intervenção na infância e na juventude**. NAU: Rio de Janeiro, 2008.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

**ANEXO**  
**QUESTIONÁRIO DE PESQUISA**

Assinale o item que melhor representa sua opinião:

		<b>MASCULINO</b>	<b>FEMININO</b>	<b>OS DOIS</b>
<b>BRINQUEDOS, JOGOS OU BRINCADEIRAS</b>	Boneca			
	Carrinho			
	Bola			
	Videogame			
	Amarelinha			
	“Lutinha”			
	Subir em árvore			
	Casinha			
	Empinar Pipa			
<b>ATIVIDADES DOMÉSTICAS</b>	Preparar as refeições			
	Lavar ou passar as roupas			
	Lavar o carro			
	Lavar, enxugar e guardar a louça			
	Pequenos reparos: Trocar lâmpadas, apertar parafusos...			
	Compras no supermercado			
	Cortar a grama			
	Limpar o quintal			
	Limpar a casa			

	"Tratar da criação" (animais existentes)			
<b>ATIVIDADES DIÁRIAS</b>	Fazer o bebê dormir			
	Trocar as fraldas da/o filha/o			
	Ajudar as/os filhas/os com atividades escolares			
	Levar as/os filhas/os ao médico			
	Ler jornal			
	Pescar			
	Assistir futebol			
	Assistir novela			
	Chegar tarde em casa			
	Se reunir com amigas/os			
<b>COMPORTAMEN TOS E ATITUDES</b>		<b>MASCULINO</b>	<b>FEMININO</b>	<b>OS DOIS</b>
	Chorar			
	Ser vaidosa/o			
	Bom desempenho escolar			
	Falar palavrões			
	Agressividade			
	Olhar no espelho			
	Disciplinada/o			
	Embriaguez			
Responsabilidade financeira				
<b>PROFISSÕES</b>	Bombeira/o			
	Cabeleireira/o			
	Cozinheira/o			
	Empregada/o doméstica/o			
	Juiz/a			
	Mecânica/o			
	Motorista			
	Pedreira/o			
	Policial			
	Professor/a			
	Prefeita/o			
Cuidador/a de idosos				

	Secretária/o			
	Engenheira/o			
	Agricultor/a			